



# SEGUNDO CADERNO

## ARTHUR DAPIEVE

# Três meninas

### Encontro de gerações com Joss Stone

Existem três fases distintas nas relações de lazer entre pais e filhos. Na primeira, a prerrogativa é infantil: os adultos se deixam arrastar para o universo festivo habitado por mágicos atrapalhados, joelhos esfolados e cerveja em copos de plástico. Na segunda, há empate técnico: cada um vai para um lado, todos cientes de que não existe mico maior do que ser visto com os velhos. Na terceira, as crianças já não são mais tão crianças assim e se permitem acompanhar os pais em programas que são crescentemente comuns.

Suspeito que aqui em casa chegamos a essa terceira fase. Ufa. Afinal, as crianças já têm entre 19 e, a partir de hoje, 15 anos (parabéns, Marianna). A música nunca foi foco de conflito geracional, antes pelo contrário. Sim, é verdade, a patroa já teve de acompanhar uma das minhas enteadas a um concerto do Calling na Barra. No entanto, já as atraímos, em variadas combinações e com absoluto sucesso, para shows de Lulu Santos e Cat Power. Além disso, já levei a minha filha para ver "L'Orfeo", de Monteverdi, na montagem de Marcelo Fagerlande e Alberto Renault, ano passado, no Municipal. Nós dois adoramos.

De qualquer forma, ainda aí, eram mais elas vindo jogar no nosso campo do que nós nos encontrando num campo neutro. Na sexta-feira passada, porém, creio ter surgido um fato novo. Não éramos eu e minha mulher puxando a brasa para a nossa saradinha, nem as três meninas puxando a brasa para a delas. Era uma única brasa, mora? Ninguém cedeu a ninguém. Pela primeira vez, nós cinco queríamos assistir com igual intensidade a um mesmo show. Todos queríamos ver a inesginha Joss Stone, no Vivo Rio.

Primeiro, falo por mim. Até hoje há apenas três intérpretes brancas que fizeram por merecer lugar nas minhas prateleiras de soul music, aquela fantástica fusão de voz e fervor dos negros americanos. Curiosamente, são todas inglesas. A primeira é Dusty Springfield, morta em 1999, aos 58 anos. Ela sempre se deu bem em qualquer gênero que se dispôs a encarar, mas em 1969 foi gravar sua obra-prima, "Dusty in Memphis", no lendário estúdio da Stax. Dusty arrebitou em "Don't forget about me" ou



"Just one smile". E o LP incluía ainda a sua incendiária versão para "Son of a preacher man", anterior à de Aretha Franklin.

(Todos de joelhos à menção desse nome.) A segunda a assegurar espaço nas prateleiras de soul foi Amy Winehouse, de 24 anos. Bem, eu amo Amy Winehouse. Possivelmente desde que ela inseriu a melodia do *standard* de jazz "Lullaby of Birdland" sob o refrão de "October song", do CD de estréia, "Frank" (2003), que saiu há pouco no Brasil. Tanto ali quanto em "Back to black" (2006), contudo, também havia tesão e inteligência em "Fuck me pumps" ou "You know I'm no good", que

chamo de "hino nacional da Amy Winehouse". Ela levantou a barra da saia para atravessar o inferno, mas atolou-se até a calcinha. Não tenho muita esperança de vê-la viva.

A terceira branca a dividir espaço com Aretha, Etta James, Candi Staton, Sharon Jones e *tutti quanti* é, claro, Joss Stone. Lembro-me do nosso correspondente em Londres, Fernando Duarte, falando-me entusiasmado de uma inglesa de 16 anos que acabara de lançar um disco de soul e soava como uma diva negra mais velha. O que mais eu poderia fazer a não ser entrar na HMV e comprar "The soul sessions" (2003) para conferir? Duarte tinha ra-

zão. Joss era a neta espiritual de Dusty. Era a priminha precoce de Amy.

Agora, tento me pôr na pele das três meninas daqui de casa. Elas são boas moças. Joss Stone é uma boa moça, enquanto Amy Winehouse vive a tragédia de saber que não presta. Não é assim que a morena alcoólatra e drogada canta, "eu te disse que sou encrenca/você sabe que eu não sou boa coisa"? É quase natural, portanto, que as meninas prefiram Joss a Amy. A lourinha é alguém com quem elas podem se relacionar, como as cantoras pop Lily Allen ou Kate Nash, mais ácidas. Houve um momento no Vivo Rio em que Joss até assumiu o papel de autora de auto-ajuda e recomendou às moçoilas: "Se você ama alguém, declare-se, na hora!" A platéia aplaudiria minuto de silêncio, quanto mais isso.

Joss é profissional paca. Se ela promete um grande show aos fãs, ela entrega um grande show aos fãs, não os penaliza com ritos de autodestruição. Chega a ser meio careteira de tão simpática, os olhinhos ficam mais apertados de tanto sorrir, mas a voz... A voz arpeja em hora e meia de "Super duper love", "Tell me what we're gonna do now", "Put your hands on me". Nas duas últimas, aliás, ela leva crédito na composição, uma relativa novidade, diferentemente de Amy Winehouse, letrista nata e afiada.

Joss é lindinha. Fofa, dizem as meninas. Tem presença, dança pelo palco, sua o vestido estampado de alcinha. Acho-a até graciosa. E ela ainda rebola. Na verdade, tudo é tão perfeito nela que me bateu um barato estranho no meio da noite de sexta-feira: subitamente tive a impressão de não estar presente a um show dela, mas de estar assistindo a um de seus clips. Estavam ali, diante dos meus olhos, o mesmo sorrisinho, a mesma *roupiça* riponga, o mesmo entusiasmo, o mesmo vozeirão negróide...

Não o mesmo som, áspero no Vivo Rio, pena. Fora isso, é como se Joss soubesse que não podia nos decepcionar, que precisava provar que existe, sem *playback*, uma pós-adolescente branca com voz de diva negra madura. Sim, ela existe. Nós cinco a vimos.

E-mail para esta coluna: [dapieve@oglobo.com.br](mailto:dapieve@oglobo.com.br)

Leonardo Aversa



**POESIA E SAMBA:** grupo é formado pelos músicos (a partir da esquerda) Zé Luiz Rinaldi, Flávio Luiz, Ticiania Passos, Ernani Cal e Antonio Gomes

## Poesia que aproxima os universos de Nelson Cavaquinho e Emily Dickinson

Pedaco de Chão faz sambas sobre versos de poetas como Rilke e Pessoa

Leonardo Lichote

A proposta do Pedaco de Chão — que se apresenta hoje no Espaço Cultural Maurice Valansi, em Botafogo — é ralar, em ritmo de samba, poemas de Emily Dickinson, Fernando Pessoa, Rainer Maria Rilke, Paulo Leminski. Estranho? Pelo contrário, acredita o compositor Zé Luiz Rinaldi, idealizador do projeto. — Cartola, Nelson Cavaquinho, Rilke, Dickinson, Zé Ketti, Leminski, todos estão no mesmo lugar. Estranho é não os aproximar — brinca Rinaldi. — O que permite dizer que são uma coisa só é a poesia que carregam, no sentido mais poderoso da palavra.

Apesar de natural, a aproximação dos dois universos no trabalho de Rinaldi foi um longo processo. Ele conta que passou do teatro à filosofia e daí à poesia. Como compositor erudito, fez experiências unindo música

não forçamos o poema a nada. Não há concessões nem na letra, ajustando versos, nem na música, tornando-a mais fácil.

A forma direta como o grupo relaciona música e poesia pode ser ouvida na internet ([www.myspace.com/pedacodechao](http://www.myspace.com/pedacodechao)). São sambas lentos, que remetem à produção da era dos festivais — pós-bossa nova, influenciado pelo samba de morro e pelo nascente trabalho de artistas como Edu Lobo e Chico Buarque. No site, há o registro cru de ensaios do início do Pedaco de Chão. Hoje, a formação reúne dois violões (Rinaldi e Antonio Gomes), percussão (Ernani Cal), baixo acústico (Flávio Luiz) e voz (Ticiania Passos).

**Um integrante vem do erudito, outro do Monobloco**

Cada integrante traz uma história. Gomes tem formação erudita, Cal é percussionista do Monobloco e Flávio vem da escola do jazz e do rock. Atriz e

só eu esteja ouvindo — afirma o artista, que às vezes se surpreende com o resultado. — Tomei um susto quando acabei "Hoje de manhã", de Fernando Pessoa. Não achei que surgiria um poema que se servisse a um samba. E soasse tão natural. Um amigo que sabia que era de Pessoa, quando ouviu, disse: "Mas é um samba de verdade!".

De palavras simples e idéias sofisticadas, a melancólica canção é realmente um samba de verdade, que faz pensar em Argemiro Patrocínio ou Nelson Cavaquinho — com elementos, porém, que só poderiam vir de Alberto Caeiro, heterônimo de Pessoa que assina o poema. Enfim, o encontro entre altas culturas: a popular e a poética.

Há um poema de Ordes Fontela que fala de São Sebastião crivado de setas. O que faz na canção foi mostrar como isso se configura em nossa cidade — explica Rinaldi. — Nosso trabalho tem apelo comercial? Tendo a dizer que não. Mas

**VALE** **OSB** ORQUESTRA SINFÔNICA BRASILEIRA NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO **PREFEITURA** CULTURAS

**OSB E THEATRO MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO APRESENTAM:**

**CONCERTOS DA JUVENTUDE**

Domingo, 22 de junho, 11h  
**OSB JOVEM**  
 MARCOS ARAKAKI, regência  
 DANIEL SOARES, trompa  
 NATÁLIA TERRA, contrabaixo

- Beethoven - Abertura Egmont
- Mozart - Concerto para Trompa e Orquestra nº 1 em Ré maior
- Dragonetti - Concerto para Contrabaixo e Orquestra em Lá maior
- Satie - Gymnopédies nºs 1 e 3
- Fauré - Masques et Bergamasques, Op. 112

**CONFIRA OS PRÓXIMOS CONCERTOS DESTA SÉRIE:**  
 | DOMINGO, 31 DE AGOSTO, 11H | DOMINGO, 28 DE SETEMBRO, 11H |

Informações: (21) 2505-8383 OU [WWW.OSB.COM.BR](http://WWW.OSB.COM.BR)  
 Local: Teatro Municipal do Rio de Janeiro  
 Vendas na bilheteria, no dia do concerto.



contemporânea e poemas, e em 2000 montou, no Centro Cultural Banco do Brasil, a ópera "Deslimes da palavra", baseada no poeta Manoel de Barros.

— Fiquei feliz com "Deslimes", mas achei que eu podia ser mais direto — diz Rinaldi, explicando o que motivou o surgimento, há um ano e meio, do Pedaco de Chão. — Mas

ingrãtista, ficaria se sai bem em sua estréia como cantora.

— O trabalho de atriz me auxilia na interpretação — explica a cantora. — A melodia também ajuda, já aponta um movimento, uma leitura para o poema.

Rinaldi, que musicou mais de 30 poemas, tem seus métodos:

— Escuto o poema exaustivamente, até que me diga algo que

tenheria a dizer que não, mas cantamos um poema de Leminski (*do verso "Amar você é coisa de minutos"*) que é uma das mais belas falas sobre o amor, assunto que interessa a todos. Queremos falar do que há de mais constitutivo em nós, isso que se costumava chamar por palavras hoje desgastadas e piegas, como coração e alma. ■